

Entrevista VI

A – Pergunta

B - Resposta

A - Depois de concluir o Processo de RVCC, continuou a estudar?

B – Não, o 12.º ano era o meu objectivo, não vou mais além porque também sei as minhas dificuldades e limitações. As pessoas quando acabam o 12.º ano querem mais, eu não, reconheço até onde é que posso ir.

A - E em termos formativos, uma formação de inglês, informática...

B – Ah, isso sim, já me inscrevi na escola secundária para o curso de inglês. Estou à espera que me chamem...

A – Acha que se não tivesse passado pelo processo de RVCC inscrevia-se nessa formação?

B – Penso que não, porque dou uns toques em inglês, mas sempre tive muita vergonha de falar em frente às outras pessoas...já tinha andado para me inscrever e perdia a coragem. Depois de fazer o 12,º ano parece que perdia a vergonha e sinto-me mais capaz de fazer as coisas...

A – A *Marta* quando se inscreveu cá no Centro esta desempregada, certo?

B – Exactamente, estava desempregada já há um ano e tal, depois acabei o processo ainda desempregada e depois candidatei-me para o concurso da câmara para a escola, que pedia o 12.º ano e graças a Deus entrei.

A – No seu caso, podemos dizer que foi graças ao 12.º ano que arranjou trabalho.

B- Exactamente, pois sem o 12.º ano nem podia candidatar-me ao concurso...Eu já tava a ver a minha vida a andar para trás, mas graças a Deus tive a recompensa do esforço de ter tirado o 12.º ano, que não é nada fácil.

A – Qual foi a principal dificuldade?

B – A primeira foi o tempo disponível, ser mãe, mulher, esposa, tia e filha ao mesmo tempo não é fácil... Há muita gente que precisa de mim... Depois os temas e o processo é muito complexo, não é para qualquer um... Pode-se ver pelas pessoas que foram a júri...

A – Como fez para conciliar o processo com a sua vida pessoal?

B – Uiiii, isso no início tava bem complicado, tava a ver que ia desistir, pois não podia contar com o meu marido para me ajudar em nada em casa... As minhas sessões eram à quarta-feira das 18 às 20h, era o dia que eu tava de folga de fazer o jantar, o meu marido

tratava disso e de dar banho ao mais pequeno, a 4.º feira era o dia o frango assado...risos.... Mesmo depois de terminar o processo foi assim durante muito tempo, os miúdos adoram essa comida, entretanto foi-se perdendo o hábito... Mesmo assim, ainda foi desta forma que ele começou a fazer alguma coisa em casa.

A – Qual foi o tema que mais lhe despertou atenção no processo de rvcc, pelo facto de ou ter aprendido ou ter mudado comportamentos?

B – Se calhar o Ambiente...

A – Então acha que no processo ficou mais sensibilizado para o tema do ambiente?

B - Eu sinceramente nunca me preocupei muito com as questões ambientais, poupava sim, mas era mais para poupar na carteira e não no Ambiente. Mas lembro-me numa das sessões em que a formadora falou num filme, que até uma grande parte dos colegas tinham visto...era o 2012... eu tive que ver, fiquei tão curiosa...ai depois disso sim, aquilo bateu-me de tal forma que mudei muito, zango-me muitas vezes com o meu marido que ele não tem cuidado nenhum, uma coisa que hoje não posso ver ninguém a fazer é deitar o óleo da cozinha pela pia a baixo...

A - Recorda-se de fazer uma tabela com as suas receitas e despesas?

B – Perfeitamente...

A – Continuou a ter esse hábito ou fê-lo apenas no processo?

B - Nunca tinha feito e fiquei em pânico...o saldo dava negativo...cheguei a casa e mostrei ao meu marido, tinha posto um valor muito grande na comida, mas não andava muito longe daquilo, passei a usar a mesma tabela, o mesmo ficheiro do Excel e claro, cortei nas idas ao cinema e nos jantares fora, era onde dava, agora só quando o rei faz anos...

A – Em termos de utilização do computador. Já dominava este equipamento?

B – Muito pouco, só às vezes quando a minha moça estava lá, podia ir buscar uma receita ou outra, ou para descarregar as fotos da máquina, mas era ela que fazia tudo...

A – Em termos de pagamentos de impostos. Já fazia pelo computador, passou a fazer? Fale um pouco sobre isso.

B - “ Eu nem sabia que se podia fazer o IRS pelo computador, sempre fiz nas finanças, quem me disse foi uma colega e quando fez o dela mostrou-me, ensinou-me mesmo a fazer, aí é que eu vi como era fácil e ela ajudou-me a fazer o meu no ano seguinte.

Eu sempre tive medo dessas coisas, de pagar pela internet, hoje faço tudo, mas tenho cuidado, termino sempre a sessão, não vá alguém entrar na minha conta no banco...

A – Em termos de redes sociais, email, comunicava nestas redes?

B - “...Não tinha nada disso, só enviava mensagens e hoje tenho tudo, Facebook, MSN, Skype, e-mail, pelo menos já não gasto tanto dinheiro para ligar para os familiares, até falo com a webcam ligada, para ver a família no Alentejo..” E6

A – Quanto aos hábitos de leitura. Era um hábito que já tinha?

B – Lia qualquer coisa, mas pouco.

A – Durante o processo passou a ler mais?

B - Nunca lia muito, mais jornais e revistas, livros não e durante o processo imprimia muita coisa para ler, sobre o Ambiente, sobre o adn, sobre as doenças, desde que acabei a certificação passei a ler menos, mas sempre leio algumas coisas

A – Acha que a área da Cidadania acaba por sensibilizar as pessoas? Acha que ficou sensibilizada com os temas abordados nesta área?

B- Sim, pelos menos vi quantas vezes estava errada...às vezes a gente faz as coisas e não se apercebe dos erros que comete, e quando vai ver e pensar sobre aquilo que fez é que vê a porcaria que fez...Os trabalhos de cidadania acho que serviram muito para isso, para reflectir, assim como para valorizar certas coisas que não damos valor, como ajudar um colega imigrante, aí é que eu percebi, de como ele podia precisar da minha ajuda...

A – Então acha que esta área serviu mais para sensibilizar?

B – Sim, eu senti-me mal em cidadania porque nunca tinha feito nada, nem voluntariado, nem pertencia a uma associação...Eu sempre disse, que logo que acabasse o processo ia fazer um voluntariado, e assim foi...Ainda fiz durante um ano, entretanto comecei a trabalhar e tive de deixar, mesmo assim aos fins-de-semana vou lá, é aqui com as crianças, nos pirilampos.

A – Em termos de aceitação social, acha que ao ter o 12.º ano passa a ser mais bem aceite na sociedade, no trabalho...

B - Claro, já não tenho vergonha de dizer as minhas habilitações, antes fugia sempre dessa pergunta...sinto-me mais confiante para tudo, para ir preencher um papel nas finanças, para ir ao banco, foi uma prova a mim mesma...Sinto-me outra

“Foi um acordar para a vida, interesse pelas coisas, por tudo...não sei explicar... e claro que se não tivesse o 12.º estava desempregada, ou então com trabalhos de verão com os horários complicados da hotelaria que não sabia o que fazer com o meu filho

A – Acha que hoje dá mais valor à educação e à formação?

B - Hoje ando sempre em cima da minha filha, já está no primeiro ano da universidade e do que depender de mim hei-de fazer tudo para que ela acabe o curso, mesmo passando por dificuldades económicas, se calhar há uns anos atrás não via a hora de ela terminar o 12.º ano e arranjar um trabalhinho para também ajudar nas despesas, agora não...